



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO
PARTICIPATIVA**

PRESIDENTE: Prof. Toninho Vespoli

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 16/07/2021

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Qualidade de som incompatível com a transcrição

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Declaro abertos os trabalhos da décima primeira audiência pública que a Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa realiza no ano de 2021.

Informo que esta reunião está sendo transmitida através do portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br, link AUDITÓRIOS ONLINE/AUDITÓRIO VIRTUAL, e na página da Câmara Municipal de São Paulo no YouTube.

Informo que a realização desta audiência pública vem sendo divulgada no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* desde o dia 9 de julho.

Esta audiência pública foi convocada para discutir a supressão de árvores e ameaça ao patrimônio arqueológico no Complexo da Rapadura, devido a obras do Metrô, conforme Requerimento da CCJ nº 08/2021, de autoria deste Vereador e aprovado na reunião ordinária do dia 30/06/21.

Para ganharmos tempo, não vou anunciar os vários convidados.

A primeira convidada a se pronunciar é a Sra. Marta Cavalcanti, representante do Movimento pela Preservação do Parque Linear Rapadura e Praça Mauro Brocco. (Pausa) Não se encontra.

A segunda convidada é a Sra. Kas Veg (Raquel J. Sabino), ativista do Movimento Nação Vegana Brasil. (Pausa) Ela não se encontra, mas a Marta acabou de entrar. Tudo bem, Marta? Você já quer iniciar a sua fala antes da Kas? Pode ser? (Pausa) Não estamos lhe escutando. (Pausa) Não estamos escutando. Se você tirar o fone, será que não melhora?

A SRA. MARTA CAVALCANTI – Olá. Estão me escutando agora?

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora sim. Está excelente. Você tem dez minutos para falar, Marta. Está bem?

A SRA. MARTA CAVALCANTI – Está certo. Bom dia a todos. Em primeiro lugar, eu queria agradecer a oportunidade dada aos moradores do Jardim Têxtil, que lutam pela preservação do Parque Linear Rapadura e da Praça Mauro Brocco, para tratar do tema nesta audiência pública. Eu queria agradecer também à CCJ e ao Vereador Toninho Vespoli, que

sempre esteve conosco presente desde as nossas primeiras manifestações em agosto passado, quando nós moradores recebemos a carta informando sobre a derrubada das 372 árvores para a instalação do canteiro de obras da Linha 2 – Verde.

Eu começo afirmando que os moradores não são contra o metrô, que é um meio de transporte importante para a mobilidade na nossa região e na nossa cidade e está sendo esperado há muitos anos pelos moradores daqui. Sem dúvida alguma, o metrô vai trazer vários benefícios para a nossa região, mas um benefício não pode surgir em detrimento de outros bens públicos. A Praça Mauro Brocco e o Parque Linear Rapadura são áreas públicas com várias finalidades, como a de preservação ambiental, porque são Áreas de Preservação Permanentes; são áreas de rica fauna, com córrego e nascente d'água, áreas que servem para o lazer e o bem-estar dos moradores desta região, onde há um CDC, há espaços de caminhadas, lugares onde as crianças brincam e as pessoas passeiam com seus pets. Como se não bastasse tudo isso, o local ainda abriga dois sítios arqueológicos, que podem revelar vários fatos sobre a história local.

Por isso, a supressão dessa área tão importante do ponto de vista ambiental e da qualidade de vida dos moradores causou muito espanto e certa indignação entre os moradores, não apenas pela perda do parque, mas porque as árvores trazem qualidade de vida, regulam a temperatura do local. O nosso bairro tem cerca de dois graus a menos do que o Centro da Cidade, porque as árvores amenizam poluentes. Alguns dizem que são só árvores, cerca de 150, de 372 árvores, que depois vão ser replantadas, mas é exatamente esse tipo de pensamento que tem levado o nosso Planeta à situação em que está hoje.

Nesta semana, por exemplo, pudemos ver como está o calor no Canadá e as enchentes que estão acontecendo na Europa, tudo decorrência da atitude de menosprezar cada árvore derrubada, e a instalação da Linha 2 – Verde tem derrubado muitas árvores na nossa região. O Parque Linear Rapadura e a Praça Mauro Brocco chamaram a atenção porque são Áreas de Preservação Permanentes, mas muitas outras áreas, como duas praças na Vila Formosa, foram suprimidas; ou seja, a quantidade de árvores suprimidas para a instalação da

linha na nossa região tem sido impactante para todo mundo.

Em agosto passado, grande parte da praça estava cercada, mas, diante da mobilização dos moradores, o Metrô recuou, tirou o muro que cercava o espaço. No entanto, mesmo com a abertura de uma ação civil pública que ainda está em curso pelo Ministério do Meio Ambiente, que indicou indícios de diversas irregularidades nas licenças dadas na instalação dessa obra no local, houve uma diminuição no número de árvores; de 372, o Metrô disse que vai derrubar apenas 150. Para os moradores, esse número ainda é muito grande.

Diante desse impasse, foi apresentada uma solução. A 200 metros do local, dois quarteirões, há um terreno onde ficava o antigo Cottonifício Guilherme Giorgi, uma área com mais de 400 mil metros, sem qualquer tipo de finalidade, abandonada há muitos anos. Nesse terreno, a Prefeitura de São Paulo tem uma área de 3.500 metros, e ainda existe outra área, denominada Reserva Verde, de aproximadamente 9.500 metros, área que poderia ser utilizada para a instalação do canteiro de obras. Essa é a solução proposta pelos moradores. Seriam 14 mil metros à disposição, sem precisar fazer nenhum tipo de desapropriação. O terreno está lá, disponível. Essa seria a solução para a preservação da área verde de lazer para os moradores.

Dentro da ação civil pública em curso, houve uma liminar que impedia o corte de árvores. Nós obtivemos uma liminar do TCM que também apontou indícios de irregularidades na cessão dessa área pela Subprefeitura do Aricanduva, porque a supressão arbórea iria acontecer às margens do córrego e havia irregularidades na cessão dessa área, mas a discrepância de forças imperou e a liminar foi cassada depois de oito meses de suspensão da obra, e o Metrô, sem perder tempo, em um dia e meio, derrubou 147 árvores previstas. Essa ação pôde ser acompanhada pela televisão, pois a Rede Globo esteve aqui, e mostrou a pressa na derrubada dessas árvores, feita com retroescavadeira e de uma maneira pouco organizada, quase causando um acidente, já que uma das árvores caiu bem perto da fiação elétrica e próxima das casas.

O resultado dessa derrubada foi visto no dia seguinte, quando vários pássaros estavam desorientados e outros tantos mortos.

Foi um episódio bastante impactante para todos os moradores, pois muitas dessas árvores foram plantadas por eles. O Parque Linear Rapadura sempre foi tido como um exemplo bem-sucedido de arborização e foi graças ao movimento dos próprios moradores, que contribuíram para isso. Por isso, foi algo bastante impactante. Eu não sei se alguns de vocês já presenciaram a derrubada de uma árvore; para mim, foi a primeira vez. Ver uma árvore de 30, 40 anos caindo é algo muito impactante e muito triste, principalmente para as crianças. As escolas da região tinham projetos não só de preservação, mas de revitalização do córrego. Eu participei de algumas *lives* das escolas, e a preocupação delas era que parte do córrego, cuja luta era para ser revitalizado, fosse dada para a construção de uma obra. A gente tem se esforçado para explicar isso para as nossas crianças, o que é muito difícil.

Por fim, eu lembro que o Parque Linear Rapadura não constava dos planos iniciais do Metrô e sequer apareceu no EIA-Rima que foi feito em 2012. Essa parte não foi considerada na documentação inicial do Metrô nem quando foi apresentada à Prefeitura. Daí a ação do TCM.

A pergunta que fica é por que investir dinheiro público na construção de um parque para que, logo em seguida, seja totalmente descaracterizado, para que uma Área de Preservação Permanente seja cedida dessa forma, sendo que havia alternativas locais. O Metrô diz que vai devolver essa área aos moradores, mas ela não vai ser devolvida da mesma forma, porque nela vai permanecer uma oficina de trens, um centro de manutenção de trens. Então, por exemplo, a Rua Zodíaco vai desaparecer, porque nessa rua vai ser a entrada desse prédio que eles alegam que vai ser subterrâneo, mas cuja parte vai ficar exposta, além de uma torre de ventilação de cinco metros de altura.

Esses dados todos foram passados pelos próprios engenheiros da obra numa reunião que nós tivemos com eles ontem. O parque, portanto, não vai ser devolvido da mesma forma, o que vai descaracterizar totalmente essa Área de Preservação. Aliás, nem sei como ela vai continuar sendo uma Área de Preservação, porque ela vai ser completamente descaracterizada. Mais ainda: o Metrô diz que vai devolver a área melhorada, mas tudo isso

nós sabemos que vai acontecer daqui a muitos anos, pois uma obra do Metrô leva de 10 a 15 anos para ficar pronta e, durante todo esse período, não vai mais haver parque, não vai mais haver área verde. Por exemplo, as crianças não vão usar essa área. Quando essa área for devolvida, as crianças de hoje serão adultas e porque isso tem um custo para ele. Ele coloca a realização da obra nesse espaço como algo irreversível. Diante da irreversibilidade da mudança da obra, nós também teríamos duas outras reivindicações. A primeira delas – e vemos que o Metrô só recuou pela manifestação da população e também do Ministério Público – é que nenhuma outra área da praça seja modificada pela obra; ou seja, que a obra aconteça dentro dos muros que hoje existem. Nenhuma outra área da praça, nenhuma outra árvore seja suprimida caso a obra de fato aconteça nesse espaço. E a compensação arbórea dessas árvores que foram suprimidas está prevista para acontecer no Arujá, no Parque de Itaberaba, o que não faz sentido nenhum, porque nós que seremos diretamente atingidos pela obra não teremos nenhum tipo de compensação local. Ah, teremos, mas daqui a 15 anos, daqui a 10 anos. Então, nós queremos a compensação imediata, porque se a obra não quis acontecer nesse terreno que a Prefeitura já tem, nessa área de quase 14 mil metros, por que então não construir lá um parque agora, já, para que todos os moradores desse entorno possam usufruir desse espaço verde de lazer enquanto a obra acontece aqui? Nós tínhamos aqui um CDC, que foi desativado. Por que não reconstruí-lo lá? Seria uma maneira de mitigar os impactos que essa obra vai ter sobre essa população que mora no entorno, não só aqui do Jardim Têxtil, mas da Vila Formosa, ou seja, toda a nossa região. São essas as nossas principais demandas.

Também, haver diálogo com o Metrô. Diálogo, ou seja, as duas partes falando. Porque o Metrô diz que há diálogo, mas isso não é verdadeiro. Ele tem informações, ele informa os moradores, mas não ouve os moradores. Essa é a principal falha desde o início da nossa relação. O Metrô sempre se posicionou da seguinte forma: “Ah, nós conversamos com os moradores”. Sim, eles conversam, mas não dialogam, porque o diálogo pressupõe que as duas partes sejam ouvidas e que as ideias sejam trocadas.

Essa é a minha fala e essas são as nossas principais demandas. Agradeço a

oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Marta. Eu acompanho desde o início toda essa situação lá. Eu conversei com vários moradores, e para mim é muito nítido que as pessoas estão contentes com a ida do metrô, porque haverá mais mobilidade para a região. Eu senti que não há nenhuma disposição dos moradores em relação a questionar o advento da linha, de eles não quererem a linha, não há nada disso. As pessoas estão muito contentes com a linha, mas não com a situação que foi estabelecida ali no Rapadura. Poderia haver outras oportunidades, o próprio movimento apontou outras possibilidades; mas, infelizmente, não houve esse diálogo. Acho que a Marta falou muito bem. Para mim, ficou muito nítida a posição do Metrô. A todo o momento, a comunidade se dispôs a dialogar e achar alternativas com o Metrô. Para mim, isso ficou muito evidente. Porém, infelizmente, 145 já foram tombadas. Recebi fotos de vários animais, principalmente de pássaros mortos; isso não tem mais volta. Penso que a comunidade tem disposição para entrar em alguns diálogos e acordos para minimizar, mitigar as questões na região. O Metrô parece que não confirmou, há outros órgãos públicos aqui, mas a gente espera abrir esse diálogo com o Metrô.

Próxima oradora é a Kas.

A SRA. RAQUEL SABINO (KAS VEG) – Olá. Bom dia. Marta, ativistas, residentes do Jardim Têxtil, Toninho Vespoli, assessoria e demais presentes – todos, todas, todes em defesa do meio ambiente, em especial nesse caso urgente do Complexo da Rapadura, sítio arqueológico ameaçado, fauna ameaçada.

Desde o início, fui na verdade convocada. Sou ativista em defesa dos animais e do meio ambiente com atuação nacional pelo Movimento Nação Vegana Brasil. Assim, fui convocada para colaborar e participei de atos com a população de São Paulo e com residentes do Jardim Têxtil em defesa da área. Infelizmente, não foi possível barrar a derrubada das 145 árvores. A liminar foi derrubada. Converso muito com a Marta, acompanho na medida do possível, colaboro com ativismo virtual, que é o nosso forte.

A mobilização por parte das mídias e os atos de rua são indispensáveis, essenciais, mas não estão sendo suficientes infelizmente. Precisamos e agradecemos demais o apoio do mandato do Vereador Toninho. Temos também o apoio do mandato da deputada Helou. Não temos apoio ainda de um mandato federal. Precisamos de mais apoios porque sabemos que o poder do capital está materializado. Uma página que vem denunciando isso – e por favor peço a vocês que acompanhem – é a dos ativistas da região, https://www.instagram.com/parque_jardimtextil. Colaborem com esse ativismo virtual, que é tão importante.

O que é muito importante informar a quem ainda não acompanha a situação é que o diálogo com a Companhia do Metrô não ocorre. A colaboração para um projeto visando à preservação da vegetação – que no caso vem sendo devastada, e os animais da fauna, afetados – não está ocorrendo por parte da população. A gente entende que é importante a instalação das obras. Porém, não aceitamos. E eu me coloco como ativista e ao lado dos residentes: não aceitamos essa negligência do Estado em relação a essas vidas que estão sendo dizimadas. Acompanhamos as imagens que vêm sendo divulgada por ativistas, como a Marta e os que estão bravamente defendendo a região. A imagem desta audiência é um pássaro caído. Foram vários os pássaros exterminados. Aí, eles falam de uma compensação, que não será local. Vejam o absurdo. Há todo um dano, todo um prejuízo causado à população. A Marta falou das crianças. Que referência elas terão se simplesmente se derrubam as árvores? Em uma nota veiculada pela Companhia do Metrô e que foi compartilhada pela página que eu citei, eles falam que a compensação resultará em 35 vezes mais a quantidade de árvores derrubadas, mais ou menos umas 5 mil. Eles colocam “novas árvores”. Como assim “novas árvores”? Isso não existe, são vidas. Então, é negociação pura.

É uma irresponsabilidade. Árvores derrubadas às margens do córrego, que dão estabilidade ao solo, que proporcionam qualidade para o ar, como a Marta bem colocou. É uma qualidade de vida que os residentes perdem, sendo que existe lá o Cotonifício, que poderia abrigar as obras. As obras poderiam ocorrer lá, toda a instalação, o tatuzão, tudo que eles

falam que é necessário para a instalação, para a continuidade dessas obras da Linha Verde do Metrô; mas eles simplesmente negam a área de preservação permanente, que eles ignoram. Eles ignoram o sítio arqueológico, simplesmente passam por cima com os maquinários, e os moradores já estão sentindo todos os efeitos da devastação.

Então, estamos juntos nessa luta. Defendemos a vida ainda presente lá e pedimos, como a Marta bem frisou – em conversa comigo e agora na audiência -, que a compensação seja local e imediata. Local e imediata. Há outras ações em andamento, e pedimos a todos os defensores da vida que estejam conosco. Que a gente aumente nossa mobilização e gere uma maior repercussão dessa tragédia que está ocorrendo.

Continuamos à disposição com o Movimento Nação Vegana Brasil ao lado de vocês defendendo a vida. E gratidão novamente à assessoria do Vereador Toninho Vespoli, aos ativistas do Jardim Têxtil e todos os demais. Estamos juntos nessa luta.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Kas, pela sua contribuição. Próxima inscrita, Renata Falzoni. Tive o prazer de conviver com a Renata na Casa por um mês como Vereadora, pois ela é primeira suplente de Vereador. E a Renata, pelos seus pontos de vista, mostrou um dos melhores mandatos desta Casa em apenas um mês. Tem a palavra, Renata.

A SRA. RENATA FALZONI – Fico muito honrada pelas suas palavras, e vamos direto para a audiência. No momento em que a gente puder se ver pessoalmente, vamos nos dar grandes e fortíssimos abraços.

Quero contar para vocês um pouco da minha experiência pessoal sobre o que foi ir de bicicleta saindo da região mais central da Cidade para uma manifestação feita em defesa de todo esse patrimônio cultural que é o Parque Rapadura, de todo esse patrimônio arbóreo, de todo esse símbolo da construção da cidadania. Saí da minha casa, peguei trem, metrô, caí no Carrão e fui pedalando. Saímos daquela selva de pedra, quente – porque a Cidade, onde há asfalto, é mais quente, mais abafada -; e à medida que a gente vai pedalando, subindo o bairro para chegar perto do Parque Rapadura, a gente começa a sentir o ar mais agradável, menos

seco, a gente começa a sentir a presença das árvores, rapidamente caímos ao longo do Córrego Rapadura e, logo, ao chegar, me deparo com um enorme muro cheio de carros de polícia. Dei a volta pelo muro para chegar ao local da manifestação, onde havia também outros carros de polícia e um punhado importantíssimo de cidadãos lutando contra aquilo que, poucos dias depois, seria uma devastação – cujos vídeos mostravam árvores tombando e pássaros fugindo, e fotos mostravam pássaros sobre as casas, totalmente sem teto, e uma coruja no chão, morta. Tudo isso ecoou logo após uma manifestação onde havia crianças, pais e toda uma população abraçando aquelas árvores, que ao lado tinha a placa de sítio arqueológico, tombado pelo IPHAN. Tudo isso é um atentado à cidadania, que construiu esse parque em um processo envolve toda a Administração Pública na busca de revalorizar os rios da Cidade, de convidar a população para plantar, para tomar posse. E o que vimos? Uma destruição dessa cidadania por uma medida completamente insustentável, que é a de sair derrubando árvores em pleno século XXI.

Eu, agora, ouvindo a Marta falar, peguei no meu Google Maps e digitei: “Parque Rapadura”, coloquei a foto do satélite, e é impressionante como a solução estava lá, do lado, num terreno enorme que é da Prefeitura, que são esses 14 mil metros. E sobre a alegação feita de que sairia mais caro: como destruir árvores plantadas pela população, numa medida contra a cidadania, contra o patrimônio cultural, contra uma determinação do IPHAN, contra várias liminares, como pode sair mais caro do que cavar um pouco mais e ocupar um canteiro de obras que já é natural, plano? Menos de 200 metros, Marta. Duzentos metros é dizer muito, é ali do lado.

Quando vemos a foto, vemos essa linha verde que vocês, cidadãos dessa região do Jardim Têxtil construíram com tanto amor, tanta dedicação, tanto didatismo de uma nova geração que está sendo colocada, que estava presente nessa manifestação, como é que pode o Poder Público, que deveria ser democrático, deveria estar sintonizado no século XXI, deveria defender as próprias instituições porque a preservação permanente não é uma coisa que só nós inventamos, é uma ferramenta que o Estado cria para que tenhamos condições de

preservar, mas vai o próprio Estado e derruba tudo?

Aquelas imagens, Marta, que você me mandou das árvores caindo com aqueles pássaros em cima das eiras e beiras das casas, são um crime e não podem passar batido. São 140 árvores que não foram plantadas pelo Poder Público, que não foram cuidadas pelo Poder Público e que determinaram toda uma cidadania da sua região. Isso causa uma indignação. Como no século XXI temos coisas tão insustentáveis, partindo do próprio Estado que deveria estar na defesa disso tudo. Dizer que aquele canteiro de obras não dava porque já tinham sido feitos os cálculos e blá- blá-blá, isso é um crime.

Eu gostaria de entender quais serão os mecanismos que sairão desta audiência pública, para que consigamos colocar esses criminosos nos seus devidos lugares: nos bancos dos réus, respondendo para uma população que tem os seus direitos neste momento totalmente feridos, surrupiados, isso sem falar nos direitos dos animais que tombaram neste crime hediondo que assistimos.

É só isso. Eu não tenho mais palavras para exprimir a minha indignação.

Palmas para a cidadania formada ao longo de todo esse Parque da Rapadura. Percebam, senhores, a enorme quantidade de mulheres nesse trabalho.

A todas e todos um grande abraço. MUITÍSSIMO obrigada pelo espaço que me deram para poder expressar essa minha indignação como cidadã, agradeço.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Muito obrigado, Vereadora Renata Falzoni.

Quero anunciar a presença do Vereador Arnaldo Fatia de Sá. Ontem nós fizemos uma audiência pública juntos. Eu vi o carinho com que várias entidades, confederações e federações de servidores têm ao Vereador Arnaldo. Quem tem trabalho acaba aparecendo. Fique à vontade, Vereador Arnaldo, quando quiser se expressar nesta audiência pública.

Agora, vamos para os órgãos que estão presentes. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento: Sr. José de Armênio Brito Cruz. (Pausa)

O SR. JOSÉ ARMÊNIO DE BRITO CRUZ - Eu tomei conhecimento desse

processo do Parque da Rapadura nesta semana. Preparei-me para estudar um pouco o processo para participar desta audiência com todos. Vejo a legitimidade da colocação da população, o discurso da Vereadora Renata é muito bom também. Acho que a população participar do planejamento e do envolvimento da cidade é muito positivo.

Eu, como Secretário Adjunto da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, o que eu teria para falar é o seguinte: nós temos hoje no Estado instrumentos para que a população participe desde o momento de projeto, de planejamento. Aqui na Secretaria eu participo, semanalmente, de meia dúzia de audiências, discutindo os planos e os caminhos que vamos desenvolver para a cidade e, na verdade, isso é para evitar – como vocês estão dizendo – que as obras aconteçam sem o conhecimento da população, para que ela participe deste desenvolvimento.

Pelo que eu estudei – imprimi e li os processos do Parque Rapadura -, houve um processo de discussão: foi para a Secretaria do Verde, para o Ipham, teve um desenvolvimento. E, como foi falado, o metrô é um instrumento importantíssimo para o desenvolvimento da cidade. Sim, ele deve respeitar as condições ambientais da cidade.

O que eu quero dizer é que, no planejamento, procuramos colocar isso antes de acontecer, ou seja, que não surpreenda ninguém. Hoje, o Estado brasileiro, a Prefeitura, o Estado de São Paulo, onde está ligado o metrô, tem instrumentos para que isso possa acontecer no nível do planejamento e não, que alguém seja surpreendido com alguma ação não desejada.

Eu me coloco à disposição de vocês. Acho que a participação da população nos destinos da cidade é sempre muito positiva. Visto, estou com a tela ligada do Parque da Rapadura, é de 2018 a foto que tenho. É um lugar que tem ainda com casas e com uma densidade a ser, vamos dizer, quase original, tem muitas casas e o Parque, de fato, é uma realidade bastante positiva para a paisagem da cidade.

Eu vi pelo metrô, que como vocês disseram, vai ser um equipamento subterrâneo, parece-me justa a colocação de vocês da compensação acontecer na região. Agora, isso tem o

processo que foi feito. Talvez, isso tenha que ser colocado para a Cetesb, para o Verde, para que isso possa acontecer da forma como vocês estão colocando.

Do nosso lado, como já foi dito, o metrô é um importante equipamento para a inserção do pessoal da zona Leste, de não estar isolado da cidade; o metrô possibilita vivermos a condição da cidade. Todo mundo viver a cidade como um todo.

Coloco-me à disposição para o que vocês concluírem na audiência no que puder ajudar. Cumprimento os moradores, os Vereadores, a quem agradeço o convite – estou representando o César que é o nosso Secretário e está em outra audiência agora e me pediu que viesse aqui para ver como podemos colaborar. Estou às ordens, e a Secretaria também para as direções de vocês.

Muito obrigado pela oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, José Armênio.

Vamos escutar as palavras do Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente, representado pelo Sr. Sérgio Massamitsu Arimori, Diretor do Grupo Técnico de Manejo Arbóreo e Intervenção em Área de Preservação Permanente.

O SR. SÉRGIO MASSAMITSU ARIMORI – Bom dia a todos, aos representantes da Comunidade, aos Srs. Vereadores.

Cabe esclarecer – acho que já foi falado no começo – que o Licenciamento desta obra é de cunho estadual. Então, a empresa estadual Cetesb é quem desenvolveu todo esse Licenciamento e as Autorizações necessárias para a execução desta obra.

Em momentos, esse Licenciamento recebeu um aval da Secretaria do Verde com relação a sua aprovação. Isso é de praxe. É necessário. Esses avais aconteceram por ocasião da análise do projeto em 2014, se não me engano.

Os estudos ambientais relativos a essa expansão de empreendimento vêm de lá de trás, há muito tempo. Acredito que, lá atrás, tenham sido cumpridas todas as obrigações relativas à análise de estudo de impacto ambiental. Inclusive, talvez, ouvindo –se a população com audiências públicas.

Coube a nós, neste último momento, especificamente, com relação à Praça Mauro Broco, uma análise sobre as ações mitigadoras que seriam exigidas do metrô após a execução desse pátio, desse empreendimento.

Tomamos ciência do seu projeto. Ele recompõe, vindo da normativa adotada pela legislação vigente, a densidade arbórea inicial com mais alguma quantificação, ou seja, vai ter mais árvores futuramente do que hoje cortadas.

A compensação efetiva do metrô para o Estado realmente se dá em local (ininteligível) mas, em função do cumprimento da nossa legislação municipal, são obrigados a, no mínimo, plantar a mesma densidade no local de intervenção.

Isso nós fazemos juntamente com todos os projetos da Prefeitura para analisarmos a proposta do metrô. Basicamente o projeto deles, como nos foi apresentado, exige a necessidade de fazer uma intervenção primeira nas quadras da Secretaria de Esportes com necessidade de remoção desses 147 exemplares. E, somente futuramente, poderá se dar a recomposição dessa área para poder proceder a operação (ininteligível).

Dessa maneira, o pleito de uma reparação, uma recuperação imediata, com certeza, fica prejudicado porque o local Rua do Zodíaco, Praça Mauro Broco, vai ter que passar, primeiro, por todas essas operações que o metrô tem que fazer para, depois, poderem fazer nessa área de intervenção ao longo do Rapadura, em torno das quadras que vão ser refeitas, somente depois das obras concluídas.

A nossa parte dentro dessa análise é no sentido, justamente, de que o metrô cumpra essa situação. Nós vamos acompanhando e já temos uma experiência de outras obras, outras linhas de metrô em que, com certeza, cumpriram aquilo com que se prontificaram em seus projetos.

Vou citar como exemplo uma obra semelhante a essa da Praça Mauro Broco: o Parque das Bicicletas no cruzamento entre a Avenida Ibirapuera com a avenida que me esqueci o nome, desculpem-me. Lá também foi necessário – era uma praça exatamente como é a Praça Mauro Broco – retirar toda a vegetação. Coincidentemente, também é uma área da

Secretaria Municipal de Esportes, que, na semelhança com esse caso da Praça Mauro Broco, é dividida: nós temos uma parte do Parque Linear, do Parque da Rapadura, e essa parte das quadras que é da Secretaria Municipal de Esportes e que, no caso da Linha 5 Lilás, desse pátio de trens no Parque das Bicicletas.

Ele foi executado, ficou muitos anos, com certeza. Como todos vocês sabem, o Metrô realmente leva anos para ficar pronto. Mas, depois de pronto, a praça foi recomposta totalmente. Ou seja, aquilo que foi aprovado nos projetos, eles cumpriram.

Para a recuperação da Praça Mauro Broco, com a quadra de esportes, eles apresentaram um pré-projeto para nós, que ainda não foi definitivamente aceito. Foi exigido deles no transcorrer das obras, até o final, até o momento de recompor essa área, que o projeto deles seja aprovado em conjunto pela Secretaria Municipal do Verde, as Subprefeituras e a Secretaria Municipal de Esportes.

—
- Falha na transmissão do áudio. Trecho prejudicado.

O SR. SERGIO MASSAMITSU ARIMORI - Então, dentro dessa linha, nós (inaudível) a recomposição, no mínimo, dessa quantidade de árvores que estão sendo cortadas, elas viram no futuro. Com certeza o impacto que isso gera nesse momento é compreensível, temos essa situação em praticamente todos os licenciamentos ambientais (inaudível). Nós também vemos essa preocupação, mas dentro de tudo que fazemos, sempre procuramos as melhores opções e as melhores formas de compensação.

Nesse caso, especificamente, nós estaremos cuidando e vamos aprovar o projeto final deles de recomposição no transcorrer do período das obras, ainda que exceda. Assim, colocamos à disposição da população para discutir este projeto de recomposição.

É impossível querer voltar atrás com relação a outra forma de trazer de volta as árvores. Nós vamos ter que trabalhar com mudas realmente, num projeto paisagístico, que podemos discutir com a comunidade, com certeza. E o Metrô sempre esteve à disposição da Secretaria do Verde para discutir até conjuntamente, quando necessário, obras de grande impacto.

Agradeço a oportunidade de poder falar, em nome da Secretaria do Verde, representando o Secretário Eduardo de Castro, que está de férias. Reitero que podemos e abrimos essa porta para discutir a finalização deste projeto de reposição da Praça Mauro Broco com (inaudível).

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Obrigado Sr. Sergio. A sua internet, às vezes, falhava um pouco, mas deu para ter compreensão da sua fala.

Tem a palavra o Sr. José Ronal, representando a Subsecretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. (Pausa) Ele tinha confirmado a presença. Está ausente.

A Sra. Maria Gabriela, Promotora de Justiça, que também tinha confirmado ligou hoje de manhã e disse que acabou indo para o hospital por problema de saúde. A Cetesb não confirmou, também o Metrô declinou.

Ainda tem pessoas inscritas para falar.

Tem a palavra o Sr. José Carlos Raimundo (Pausa). Ausente. Tem a palavra o Sr. Leandro Silva.

O SR. LEANDRO SILVA – Bem rapidamente, o Sr. José Armênio falou que tomou conhecimento esta semana, e eu fico chocado com o fato de uma Secretaria de Urbanismo de uma cidade como São Paulo tomar conhecimento apenas essa semana sobre isso.

O Sr. Sergio falou da Cetesb, cuja credibilidade foi para o lixo com a denúncia de 5.000 laudos que foi anunciada recentemente, e não se compara com nada o Complexo Rapadura com o Parque da Bicicleta. Toda vez que a gente discute vem essa história do Parque da Bicicleta, mas não tem a menor condição de comparar com o Complexo Rapadura, que paga o preço da pressa e da falta de planejamento.

Hoje o Estado mais rico do País não tem uma obra de mobilidade no prazo. A Linha 15 – Prata, do Metrô, o monotrilho, que o senhor bem conhece; Linha 17 e Linha 6. Essas duas primeiras foram prometidas para a Copa do Mundo de 2014, a Copa do Mundo do Brasil. E a Linha 6, que era para ter sido entregue em maio do ano passado, teve as obras retomadas somente este ano. Ou seja, foram mais de quatro anos de paralização: é o 7x1 da mobilidade

urbana em São Paulo.

A Linha 9 da CPTM não chega em Varginha. Isso, sem falar da Estação Vila Sônia que era para ter sido entregue em 2012, e até hoje nada, vão adiando a entrega. E não vamos nem falar do Rodoanel, que é outra coisa que acontece no Estado e na cidade de São Paulo que não conseguimos entender. Nada diferente da Linha 2 – Verde: Essa expansão era para ter sido entregue em 2013.

Portanto, estamos falando de mais de uma década de atraso. Falam que vai chegar a Guarulhos, mas não se sabe quando, é uma incógnita. Vai e volta de decisões de quando vai avançar da Penha para a Dutra, e não se pode avançar lá sem que a outra linha chegue ao Bosque Maia, também em Guarulhos, para não sobrecarregar o sistema.

Os estudos e as autorizações de impacto para a liberação das obras no Complexo Rapadura foram questionados pelo Ministério Público: indícios de fraudes. Acabar com uma área de preservação permanente, uma Zepam, para criar um canteiro de obras é um absurdo, não é nem uma estação, como já foi falado. Nós queremos o Metrô perto das casas, pertos dos moradores, mas não podemos perder uma área desse tamanho para fazer ali um canteiro de obras para não ser sequer a estação. Como foi falado, tem um portão difícil ao lado de uma futura estação, a menos de 200 metros, onde eu poderia receber esse canteiro tranquilamente.

Queriam arrancar 375 árvores e avisaram os moradores a dois dias disso: estratégia de grilagem. É aquela história que, às vezes, a gente acompanha no Amazonas, que parece distante daqui: vai anistiar, desmata, ocupa, anistia. Foi mais ou menos o que o Metrô fez, estratégia de grilagem. Foi a boiada paulista do Valdir, a boiada paulista do Governador João Doria; mas moradores, graças a Deus, conseguiram se mobilizar e paralisaram as obras.

Um metrô desses causou um grande prejuízo por não ter entregado a estação em 2013. Foram 145, 147 árvores; queriam 375, sem qualquer cuidado, planejamento, não teve poda de prevenção, não teve nada.

Quase atingiu um poste, a poucos metros dali havia um transformador e poderia ter ocorrido uma verdadeira tragédia. O Metrô diz que vai compensar, mas é fora da cidade. Faltou

o diálogo do Metrô, faltou diálogo da Prefeitura com a comunidade, que cede uma área pública municipal, não teve nenhuma conversa com o poder local da municipalidade. A Prefeita Regional apareceu posteriormente; e, agora, por outras questões, imagino que nem volte,

Na história do Metrô, a companhia já suprimiu estações por motivos nada nobres, como fez com a Estação Três Poderes, da Linha 4 - Amarela, por isso que entre Morumbi e Butantã o trajeto é maior, por uma questão nada nobre, higienista. Mudou a futura Estação Higienópolis-Mackenzie da Linha 6, por questões também nada nobres, e não teve nenhuns diálogos dos moradores.

Então, não é que seria muito difícil mudar o projeto. Era para ser entregue em 2013, de 2013 a 2020 teve muito tempo, mas faltou vontade, sobrou descaso e desrespeito. Portanto, esses encaminhamentos sobretudo apontamentos da Sra. Marta, devem ser considerados, assim como dos demais que falarão posteriormente.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Tem a palavra o Sr. Thiago Santos Moliani.

O SR. THIAGO SANTOS MOLIANI - Bom dia, Vereador, bom dia a todos. O meu objetivo é passar um pouco da linha do tempo, pois participei de duas reuniões com o Metrô, tão logo surgiu aquela subgerada carta que simplesmente chegava e avisava que iam derrubar árvores.

Como falaram, começou com 300 e poucas árvores, mas nessas reuniões nós conseguimos diminuir a quantidade de árvores para 150 e, na reunião do dia 27 de agosto do ano passado, que inclusive foi na sede do Metrô, foram feitas diversas reivindicações. Eu fui junto com a assessoria do antigo Vereador Natalini, inclusive apontando elementos no EIA/Rima que tinham alguns problemas, algumas dúvidas, também apontando a reivindicação dos moradores da região, porque simplesmente chegaram e falaram que iam derrubar, e isso ia contra o próprio processo, pois o processo pede que seja criada uma comissão antiescavações; e isso foi reivindicado.

Outra questão, a compensação, que aconteceria somente em Arujá, o Metrô se dispôs a fazer uma compensação inclusive junto dos moradores da região, não somente no complexo, buscando pontos para revitalizar essa questão do verde. O próprio Metrô na época também se dispôs na criação dessa comissão, que eles já assumiram que estavam errados de não terem criado, que os moradores do entorno participassem dessas melhorias no local do complexo.

Foi feito um projeto com a participação de todos, com a conversa. Mas, pelo que me parece, esse projeto nunca existiu. Pelo jeito, nem a comissão realmente foi criada. Eu acho que valeria muito a pena buscar sobre isso.

Outro item mais absurdo: Na época, o EIA alegou nós não vamos achar o documento da autorização do Iphan. E esse documento, até onde eu sei, não surgiu até hoje, ainda existe uma sombra sobre esse documento, tanto que o próprio Ministério Público estava batendo em cima. Então, eu acho que vale muito a pena questionar o Metrô. Qual é a dificuldade de deixar o processo inteiro mais claro?

Também teve o absurdo, a forma como foram feitas as derrubadas. Aproveitar uma brecha legal, chegar uma escavadeira derrubando árvores, sem o correto manejo da fauna, dos pássaros, que existiam. A foto de uma coruja morta no chão. Para quê? Pressinha, porque tinham medo de, lá na frente, mostrar que eles estavam errados?

Isso, nós temos que bater muito na tecla. Eles falam de derrubar 150 árvores, mas lá atrás os caras pediram autorização para derrubar 370. Que planejamento é esse? Da fala do EIA que, se eu não me engano, começou em 2012, desde aquela pré aprovação do EIA. Meu Deus, nós estamos em 2021. São nove anos e ainda não conseguiu planejar uma derrubada, um manejo correto, da fauna e da flora do local? E vem com essa de “não, tem todos os documentos.

Gente, papel é uma coisa, ali estamos falando de vidas humanas e não humanas, estamos falando de um ambiente, de um microclima, que é muito importante para a região; e simplesmente derruba. “Ah, mas o metrô...” O metrô é extremamente importante, só que eu

acho que colocar em risco uma vida humana, uma vida animal; e o Metrô falar que não podia mudar 200 metros por causa de questão financeira? Que planejamento é esse? Que respeito pela sociedade, e já que gostam tanto de falar de papel, esse respeito à sociedade está indicado nos processos de EIA. São processos que têm de ser seguidos, pois podem ser cassados se não forem bem seguidos. Isso é importante lembrar, estão descumprindo o próprio papel que tanto batem que foi bem elaborado.

Fecho minha fala dizendo que é decepcionante ver que toda essa criação do verde feita durante tantos anos foi para o chão por causa de questão financeira, por causa de uma politicagem barata que aconteceu aí.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Thiago. Próximo orador, Chicão, do Fórum Verde Permanente. (Pausa) Próxima oradora, Lucilene Aparecida Simeta, moradora do Jardim Têxtil. (Pausa) Próxima oradora, Cleusa Maria Sancho. (Pausa) Próximo orador, Bruno dos Santos Augusto.

O SR. BRUNO DOS SANTOS AUGUSTO – Bom dia. Primeiramente só uma observação para ver como o Metrô gosta de comunicação e diálogo, não compareceu à audiência. Isso mostra como o Metrô está super a fim de dialogar com a população. Então para deixar clara essa minha primeira observação.

Sou morador da região e tenho uma breve fala sobre essa questão da audiência pública, há documento dizendo que foi feita em 2012, mas nesse mesmo documento não há nenhuma menção do Parque Linear Rapadura. Nessa audiência de 2012, o que existe é sobre o Tiquatira e Vila Prudente. Então a audiência com os moradores, em 2012, do Jardim Têxtil, do Parque Linear Rapadura e da Praça Mauro Broco, não existiu.

Eu, como morador, sei que a única comunicação que houve com o Metrô – moro próximo à região, do lado – foi de um funcionário que foi me indagar na minha casa perguntando qual o nome da estação mais conivente com o local, com o bairro. Esse foi o único diálogo com o Metro, um funcionário foi me perguntar qual o nome da estação que mais

condiz com o bairro, somente isso. E nessa oportunidade perguntei: o Metrô vai vir, você sabe o que o Metrô vai fazer na região? Ah, vai ter uma pequena intervenção no campo de futebol, no CDC do Parque Linear Rapadura. Essa foi a única comunicação.

Eu, como morador, não tive nenhuma participação em nada nesse planejamento da construção do que hoje o Metrô chama de Complexo Rapadura, um nome criado pelo Metrô. O nome verdadeiro ali é Praça Mauro Broco e Parque Linear Rapadura. Esse foi o único diálogo.

Então para mostrar que o diálogo com o Metrô é esse. O Metrô chega, coloca um muro na frente das casas das pessoas e uma carta dizendo que daqui a dois dias serão cortadas 372 árvores. Essa é a forma de comunicação do Metrô. E quando os moradores pedem algum tipo de comunicação, querem diálogo, o Metrô não aparece a uma audiência pública. Já é a segunda audiência pública que o Metrô não comparece. Essa é a forma que o Metrô trata os moradores, não quer se comunicar.

Outra observação, porque existe legislação sobre área de preservação permanente, área de ZEPAM, como é o Parque Linear Rapadura, de acordo com o novo Plano Diretor, por que existe essa legislação de área de preservação se a qualquer momento pode vir uma empresa do tamanho do Metrô e derrubar tudo. Então para que existe essa nomenclatura, para que existe essa área de proteção ambiental se a qualquer momento pode vir o Metrô, pode vir uma empresa pública que tenha força econômica e política e derrubar tudo de uma hora para outra. Cadê a participação dos moradores, cadê a escuta dos moradores. Nunca fomos escutados.

Então essa é a minha fala, o que queria contribuir, trazer minha indignação como morador. Vou sofrer muito também com a questão dos barulhos, porque não é uma simples intervenção, vão instalar uma indústria pesada e não sabemos o que de fato pode acontecer. Cada dia é um novo desafio, um novo barulho, o que vai ser feito, quantos caminhões de terra vão sair, o que vai acontecer com o córrego que é superimportante para a bacia do Rio Aricanduva para evitar enchente, a ideia é secar o córrego e o que vai acontecer no período de chuvas do verão. Como vai ficar aquela região, porque vai ser uma capa de concreto que vai

impermeabilizar a encosta e o campo.

Outra observação importante, existe um documento da Prefeitura dizendo que nos campos, ali na região da encosta entre a Praça Mario Broto e o Parque Linear Rapadura, existem nascentes de água. Vimos por foto de moradores que uma retroescavadeira cavando pouco ali no campo já começou a minar água e começou a minar água da encosta. Então o Metrô está escavando uma região que além de ser uma área de preservação ambiental, existe nascente de água nessa região.

É isso que queria falar. Muito obrigado pela oportunidade. Obrigado, Vereador, por nos dar essa oportunidade mesmo sem a presença do Metrô.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Bruno, reforçando, quando vou em qualquer atividade de rua, assim nessas questões, eu nem me apresento ali como Vereador, então fico ali na miúda só conversando com um e com outro para entender o que está acontecendo. E conversei com vários moradores, onde você mora? A pessoa apontava a casa dela, geralmente ali na Praça. E eu perguntava se a pessoa tinha participado de alguma audiência pública para discussão e todos falaram que não. E aí citaram essa audiência pública, o Metrô falou que teve uma audiência pública em 2012. E quando vamos ver nos processos não estava claro que era uma audiência pública específica ali da Rapadura.

Depois falei para a Marta, vou ali no CDC perguntar se foram convidados para essa audiência pública. Bati lá e estava fechado, tinha só um senhor que não soube me explicar. Pedi para um assessor meu ir lá novamente porque ele falou os dias que estaria aberto, final de semana, aí esse assessor foi lá e falou que conversou com eles e ninguém tinha participado de audiência pública, não houve chamamento nem para o CDC e nem para os moradores do entorno da Praça.

Então quando falamos que tem nos processos, que pode se dizer que foram cumpridos os protocolos, mas foram cumpridos entre aspas. Não foram cumpridos conforme percebemos e vamos apurando as determinadas situações. É bom deixar claro.

Outra coisa, ia falar isso por último, mas o Bruno tocou um pouco nesse assunto,

também vou falar, quando o Metrô declinou da conversa, um assessor que está aqui do meu lado, que conversou bastante com o Metrô e percebemos um pouco isso, porque o Metrô não queria enfrentar a situação. Aí fico pensando, se a comunidade quer diálogo, estou percebendo, ninguém está radicalizado, batendo na mesa, nervoso, estão todos dialogando de uma forma a querer resolver os problemas, todos querem o Metrô, ninguém está contra o Metrô. O fato de não quererem também participar nesta audiência pública, realmente, concordo com o Bruno, já diz muita coisa, porque audiência pública é um lugar de diálogo. Estamos dialogando, tentando achar soluções, ninguém está impondo nada para ninguém, estamos tentando procurar saídas coletivamente, todos juntos. Então também já causa essa estranheza.

Próxima oradora, Mônica Lopes, da Pastoral Fé e Política da Arquidiocese de São Paulo.

A SRA. MÔNICA LOPES – Bom dia. A minha fala é de uma cidadã, moradora da região, bastante indignada com tudo o que aconteceu. Temos acompanhado de perto todo esse processo da implementação do Metrô e sentimos uma indignação muito grande ao ver aquelas cenas da derrubada das árvores num ano de pandemia, um ano de profundo desrespeito com o meio ambiente, com a casa comum onde moramos, com o nosso bairro, com a vida do povo.

Acho que não tem como ficarmos calados, não tem como não se indignar, não dar as mãos a esses moradores que estão lutando. É importantíssima esta audiência pública, porque é preciso que saibam que ninguém aqui na zona Leste, na região do Aricanduva, ninguém é contra a vinda do Metrô. Ao contrário, todos nós queremos, sabemos disso. O que não queremos são esses atos criminosos, porque dizem assim, só se derrubaram 140 e poucas árvores. Uma árvore que se derruba, qual é a quantidade de oxigênio que deixamos de respirar?

Temos uma área privilegiada na nossa região que está sendo derrubada e precisamos ficar atentos a isso. Acho que o Poder Público precisa olhar isso. Então, me solidarizo com a luta desses moradores porque também sou uma moradora da região. Há anos

que vimos lutando para preservar esse Parque, o córrego Rapadura, é uma luta incessante. É preciso que o Poder Público, que a região acorde para isso. Não é brincadeira, aquelas cenas da derrubada daquelas árvores corta o coração de qualquer pessoa, não precisa nem morar aqui, nem estar com a gente para ver o absurdo que foi aquilo.

Então peço encarecidamente ao Poder Público que ouça, que reveja todo esse projeto. Há condições de fazer diferente, há condições de um reparo dessa situação. Era só isso, agradeço muito ao Vereador Toninho por abrir esta audiência para que possamos nos expressar, já que não temos outro espaço para falar.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Mônica. Próxima oradora, Paula Rita Cherin de Nóbrega. (Pausa) Não se encontra. A próxima é a Marta, mas terá uma fala mais no final. Próxima, Clara Maria Arruda Salvador. (Pausa) Também não se encontra. Próximo, Rodolfo Barbosa, do gabinete do Vereador Gilson Barreto.

O SR. RODOLFO BARBOSA – Bom dia a todos, é uma alegria participar de mais uma audiência pública para discutir um tema bastante importante, sobretudo, porque também sou morador da região. Particpei de algumas reuniões, algumas manifestações, inclusive, essa reunião que o Thiago falou, que participamos na sede do Metrô e, de fato, naquele momento, nós acreditávamos que seria possível uma aproximação maior com o Metrô para a discussão dessa questão da obra e de alternativas, enfim.

A minha fala é muito breve. É só para dizer que, no intuito de fortalecer a ideia da compensação ambiental na região, porque nós, inclusive, já havíamos feito essa proposta na reunião com o Metrô, o Vereador Gilson Barreto apresentou um projeto de lei, o PL 462, de 2021, que dispõe sobre a criação do Parque Municipal Cotonifício Guilherme Giorgi, já, inclusive, pensando na viabilização da compensação ambiental na região e fomentando, sobretudo, o envolvimento do Poder Público Municipal nessa discussão, nesse debate. Então, esse projeto de lei passará a tramitar na Câmara Municipal de São Paulo. Muito em breve, os Vereadores Professor Toninho Vespoli, Faria de Sá e Sandra Tadeu, que estão na reunião e

são membros da Comissão de Constituição e Justiça, receberão o projeto para análise e aprovação na CCJ, para que, em seguida, ele possa tramitar nas outras comissões.

Esse tipo de projeto de lei demanda a realização de audiências públicas e nós teremos, com certeza, as audiências públicas pertinentes para envolver, repito, os órgãos municipais nesse debate, no intuito de termos essa compensação e de trazeremos um parque efetivo para a nossa região, com verba municipal, incluída no Orçamento da cidade, de forma que, mesmo que demore um pouco para que essas árvores cresçam e o parque fique consolidado, a população que mora na região possa ter melhor qualidade de vida.

Muito obrigado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Sr. Rodolfo, só me fale qual é o número do PL.

O SR. RODOLFO BARBOSA – É o 462, de 2021.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Está bem. Obrigado, Sr. Rodolfo. Parabéns ao mandato do Vereador Gilson Barreto. Pode lhe falar que eu já vou conversar com o Presidente da CCJ, para ver se conseguimos adiantar isso, de modo que eu seja o Relator e coloquemos esse projeto, já, rapidamente, para se votar na CCJ. Está bem?

O SR. RODOLFO BARBOSA – Perfeito, Vereador.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – A próxima oradora é a Sra. Maria Amélia dos Santos Augusto. (Pausa) Não se encontra? Então, será o Sr. Luiz Mazuca.

O SR. LUIZ GUILHERME DE MORAES PRADO MAZUCA – Bom dia a todos.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Bom dia, Sr. Luiz.

O SR. LUIZ GUILHERME DE MORAES PRADO MAZUCA – É difícil falar depois de muita gente, assim, porque muito do que eu ia falar já foi amplamente abordado, mas a fala da Renata Falzoni expõe muito bem o que ocorreu na região, que foi um ato de terror promovido pelo Metrô no dia 21 de junho. Alguns até disseram que foi o dia do massacre da motosserra. Foi uma cena horrível, de terror, ver aquelas árvores caindo e pessoas chorando, porque muitas daquelas árvores, de em média 40 anos, foram plantadas por moradores da

região. Há alguns idosos que não vão ver essas árvores crescerem, quando isso for devolvido pelo Metrô.

Eu sou engenheiro. Sou morador da região. Eu não sou advogado, mas parece que há uma lei municipal que permite que a Subprefeitura administre e possa ceder uma praça para uma obra pública ou para uma operação de exploração comercial, mediante o seguimento de algumas regras. Uma delas é o custo disso. Quanto é que custa uma praça? É um terreno ocioso? É um terreno gratuito? O Metrô está pagando para usar essas praças da região da Vila Formosa? Quanto custa isso? Outra é o prazo. Por quanto tempo se pode ocupar uma praça para uma obra ou para um espaço comercial? Outra é o estudo do impacto ambiental, feito pela Secretaria do Verde, e não pelo Metrô ou por quem está usando.

A ausência do Metrô e as falas do Sr. José Armênio, Secretário do Urbanismo, e do Sr. Sergio Arimori, do Meio Ambiente, demonstram muito bem como é a relação da representação pública do Metrô com a população. Ou seja, não há diálogo. O Sr. José Armênio foi claro: só leu o projeto agora. O Sr. Sergio Arimori fez eco à fala do Metrô. Nem precisaria o Metrô estar aqui. Ele falou pelo Metrô, praticamente.

O Sr. Sergio Arimori fez algum estudo de impacto ambiental na Praça Mauro Brocco, do Complexo Rapadura, sobre o que ocorrer? Ele fez algum estudo sobre a opção locacional? Chegou a ver a área do cotonifício que está abandonado – 400 mil metros quadrados, sem árvores? Acho que não, não é?

Eu gostaria de ir um pouquinho além. Estamos focando muito no caso das árvores do parque linear, mas eu gostaria de aproveitar e perguntar, também, para o Sr. Sergio Arimori, pois o Metrô também não está aqui, quantas praças na região da Vila Formosa estão sendo cedidas para o Metrô fazer essas obras? Quantas árvores na região da Vila Formosa, onde está o Jardim Têxtil, estão sendo derrubadas? Olhando, de cabeça, há a Praça Coxim, onde dezenas de árvores também foram derrubadas de um dia para o outro, para dar espaço para uma torre de ventilação. Há a Praça Rotary, também, e a própria Praça Mauro Brocco. No total, da região, quantas praças estão sendo tomadas e quantas árvores estão sendo derrubadas?

Seria interessante alguém poder dar essa informação para nós, também, não é?

E esse custo? O Metrô paga por essas praças? São espaços vazios, espaços ociosos? São espaços disponíveis para se criarem canteiros de obras? Não existe, assim, opção locacional para isso?

Eu teria muita coisa para falar, mas já foi amplamente discutido nas falas das outras pessoas. Realmente, é uma sensação de indignação. Praticamente, é isso o que eu gostaria de dizer. Gostaria de saber quantas árvores estão sendo derrubadas no entorno.

Só fazendo um comentário com relação ao que o Rodolfo falou, eu também sugiro que nessa área do cotonifício, além do parque, seja colocado o CDC que foi tirado das pessoas, porque quem está usando aquilo não pode esperar 10 ou 15 anos para voltar a usar esse CDC. Então, seria muito interessante, também, pôr um CDC na área do cotonifício.

Muito obrigado. Bom dia a todos.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Bom dia. Parece que o Sr. Saulo entrou. Ele é representante da Subprefeitura. É isso? Sr. Saulo?

O SR. SAULO INÁCIO DA SILVA – Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Tudo bem, Sr. Saulo? Quer se pronunciar em nome da Subprefeitura?

O SR. SAULO INÁCIO DA SILVA – Tudo bem. Não, eu vim para acompanhar. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – De nada. Está bem.

Quero anunciar a presença do Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy na nossa audiência pública e, também, da Vereadora Sandra Tadeu, que está no *chat*. Vereadores, quando quiserem se pronunciar, fiquem à vontade.

O próximo orador é o Sr. José Salino. (Pausa) Está aí? O próximo orador é o Sr. Kleber Silva.

O SR. KLEBER SILVA JR. – Bom dia.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Bom dia, Sr. Kleber. Fique à

vontade.

O SR. KLEBER SILVA JR. – Primeiramente, Vereador, quero registrar o nosso agradecimento por mais essa iniciativa do seu mandato, com esta audiência pública. O senhor já esteve lá, no complexo, na praça, no Parque Rapadura, pessoalmente. Já conversei com o senhor, lá, naquelas manifestações. Quero, também, agradecer ao Vereador Gilson Barreto, que foi o primeiro Vereador a abrir um espaço para nós, de debate, na Câmara Municipal. Agora, o Rodolfo traz essa notícia, desse projeto de lei, para a criação do parque na área em que a comunidade queria que fosse instalado o canteiro de obras do Metrô.

É muito importante essa iniciativa e é uma esperança, porque, mais uma vez, pessoal, nós vemos como o Metrô se comporta. Ele se omite, pura e simplesmente, em uma atitude no mínimo covarde. Eu já falei e fico até repetindo as coisas. Na outra vez, eu falei e usei essa expressão, também. É covarde, por que qual é o problema de comparecer aqui e dar a sua versão dos fatos? O Metrô não se dá a esse trabalho, não.

É como o Leandro falou: usa táticas de grilagem. Cercou a praça, colocou muro, encheu de seguranças e ficou tratando a população, os moradores, como se fossem criminosos, bandoleiros. Qualquer pessoa que andasse ao redor do muro que o Metrô indevidamente instalou na praça era abordada por seguranças. O segurança chegava de moto com celular e ficava gravando os moradores, perguntando o que estavam fazendo. O que é isso? Que brincadeira é essa?

O Metrô não plantou nenhuma árvore naquela praça, naquele parque. Pelo contrário, derrubou aquelas cento e tantas árvores a que todos nós, escandalizados, alguns ao vivo e outros pela TV, assistimos. Alguém pode apoiar uma atitude dessas? Alguém pode estar de acordo com um crime desses? Evidentemente, no dia seguinte, aconteceu o que todo mundo já sabia. Começaram a aparecer as aves mortas. Além das árvores destruídas, há a fauna local, ali. Existem estudos dizendo que ali é frequentado por diversas espécies de pássaros – inclusive, alguns raros.

Então, foi isso o que o Metrô fez deliberadamente. Como o pessoal gosta de falar,

passou a boiada e hoje não se digna em comparecer a esta reunião ainda virtual. Que risco o Metrô de São Paulo tem ao participar de uma audiência virtual? O que vai acontecer aqui? É uma vergonha.

Eu quero aproveitar este espaço, Vereador Professor Toninho Vespoli, para deixar clara uma preocupação que é muito importante de ser considerada, principalmente para os vizinhos à obra no Complexo Rapadura. Não sei se todos se lembram: em 2009, durante a construção da estação Pinheiros da Linha 4, houve aquele desabamento, ali, na Rua Capri. Então, vocês podem dar um Google: Rua Capri; Metrô; Linha 4; estação Pinheiros. Houve aquele desabamento, onde 79 casas foram interditadas. Posteriormente, várias tiveram de ser demolidas. O mais trágico de tudo, além do prejuízo material, foi a morte de oito pessoas. Oito pessoas morreram naquele desabamento.

O senhor, Vereador, que já visitou a praça, vê que a obra é vizinha de dezenas de casas, de dezenas de imóveis e, inclusive, de um prédio. Beirando, ali, o córrego, há um edifício que também está nesse meio.

Então, em 2009, em uma obra do Metrô, que já estava atrasada, como todas as obras do Metrô estão atrasadas, ocorreu esse acidente, onde oito pessoas morreram, sendo que – o que é mais absurdo – dessas oito pessoas que morreram apenas uma era funcionária da obra. Todas as outras sete não tinham nada a ver com a obra. Se vocês procurarem nos jornais da época, vão ver que absurdo foi. Morreu funcionário da Subprefeitura de Pinheiros. Morreu *office boy*. Morreu aposentado. Vejam só: não houve o melhor controle uma obra ao lado da Marginal Pinheiros. No dia do acidente, ela precisou ser interditada. Vão fazendo, a toque de caixa.

A primeira pergunta que nós temos de fazer para o Metrô, agora, depois dessa desgraça que eles promoveram no Complexo Rapadura, na Praça Mauro Brocco, é: onde está o plano de contenção de emergências? Problemas vão acontecer. Só não sabemos a dimensão deles. Inclusive, em uma das conversas com o pessoal do Metrô, eles admitiram: “Não, realmente, a obra vai levar risco aos imóveis do entorno.

Então onde está o plano de contingência? Porque uma hora vai precisar evacuar essas pessoas ou deliberadamente o Metrô vai se apossar das casas dos moradores, colocá-los sabe Deus aonde, em hotel, sei lá. Porque é assim, na cidade de São Paulo os órgãos públicos que têm responsabilidade legal em fiscalizar o que acontece dentro da cidade se omitem. Alegam que é obra do Metrô. Obra do Metrô, o deus Metrô pode tudo. Ele pode derrubar árvores, pode cercar uma praça, pode fazer o que quiser.

Só para não me alongar mais, quero aproveitar este momento para fazer esse registro, de forma que não nos esqueçamos da tragédia que aconteceu na Rua Capri, Estação Pinheiros, Linha 4 amarela, quando oito pessoas morreram, sendo que sete delas nada tinham a ver com a obra. Foi um absurdo. Obviamente, como estamos no país da impunidade, ninguém foi responsabilizado, nem condenado. Ah! Aconteceu.

Então eu peço aos moradores que se atentem a isso, que cobrem do Metrô um plano de contingência, no caso de um acidente que quase aconteceu. Todos viram nas imagens da Rede Globo a árvore tombando, quase encostou na fiação.

É mais do mesmo, é a piada do momento. Para prolongar a Linha Verde derrubam-se árvores. Pior, acham que estão cobertos de razão.

É isso, Vereador. Obrigado por estar com a gente nesta luta.

Bom dia a todos.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado Cleber.

Como foi falado aqui, o Metrô fez todos os processos. Mas o CAEx do Ministério Público tem uma consideração muito importante num documento que eu vou ler.

“Considera-se imprescindível que o EIA seja reavaliado – Estudo de Impacto Ambiental – revisado, atualizado e complementado, com vistas a obter um diagnóstico completo, correto e atual das áreas, bem como a estabelecer o âmbito apropriado para estudar e debater as alternativas técnicas e locacionais ao empreendimento, o que deverá contemplar audiências públicas de modo a assegurar análises devidas, completas e aprofundadas em todos os aspectos, impactos e alternativas.”

Como já foi dito aqui, a obra está parada. O Ministro Humberto Martins, do STJ, acabou permitindo a continuidade da obra, mas o argumento dele não levou uma linha de qualquer discussão ambiental. A argumentação dele foi exclusivamente a obra parada traz prejuízo ao Metrô.

É claro que a gente não quer obra parada, nem que o Metrô não faça obra na região, é claro que queremos, mas a obra não precisava estar parada se houvesse um planejamento adequado. A população não quer obra parada, ninguém quer, desde que as leis ambientais e o Ministério Público sejam respeitados.

Outra coisa para a Secretaria do Verde e Meio Ambiente do Município, uma questão que sempre vamos discutir, qualquer assunto sobre meio ambiente, é sobre a compensação ambiental. Isso aí abriu a porteira para tudo. Na hora tem compensação ambiental, nessa lei foi estipulada, se pode fazer qualquer coisa no fim porque vai ter a compensação ambiental.

Eu moro perto da Linha Prata que quando começou a ser executada várias árvores foram retiradas de 30-40 anos. Percebemos que a compensação ambiental, nem lembro a quantidade, mas foi a plantação de cerca de centenas, milhares de mudas.

Sou professor, dou aula no Prudente de Moraes, realmente, eles fizeram a compensação ambiental, inclusive, plantaram algumas mudas em volta das escolas. Tinha lá uma plaquinha bonitinha com o nome da muda da árvore. Sabem quantas árvores vingaram em volta daquela escola? Nenhuma.

A compensação ambiental geralmente não é efetivada, porque as mudas são pequenas, acabam, na maioria das vezes, não vingando. Fingem que se faz compensação ambiental porque ela não é efetivada. Fora a perda.

Como a Marta falou, às vezes vai demorar 30-40 anos para efetivar, se as mudas vingarem, coisa que não acontece com a grande maioria. Nem aqueles 30-40 anos vão passar e nada se verá restabelecido. Eu acho que é uma discussão que as secretarias têm de fazer

sendo mais rigorosas com as compensações ambientais.

Não estou sendo aqui exigente no sentido de que não haja mais compensação ambiental, não é o que eu proponho, mas tem de haver critério. No fim, acaba sendo, infelizmente, um faz de conta.

Creio que a reivindicação da comunidade está sendo bem simples de resolver. Não há condições de fazer compensação ambiental longe do local em que ocorre a degradação, porque vão fazer em Arujá, ou não sei nem onde.

Nós estávamos discutindo a questão do PIU Tamanduateí, quando nós vimos que a parte de Brás, Mooca, parte da Vila Formosa, o PIU não pega toda essa região que eu estou falando, parte da Vila Prudente onde eu moro, são lugares onde menos há áreas verde. Agora, o pouco que se tem nós vamos perder para ter compensação ambiental em outra região, outra cidade. Não há lógica nisso.

Creio que há como o Poder Público resolver. Assim como também o Metrô se comprometer que fora dos limites dos muros que não haja degradação ambiental.

Outro fato que apenas uma pessoa falou, mas que chamou a minha atenção, é sobre o córrego. O que pode acontecer? Vai secar? Vai secar até que parte? Como que é isso? A outra parte pode produzir enchentes ou não? A população tem de saber direito sobre o destino das águas do córrego. É um direito de as pessoas saberem. Estamos no Século XXI, momento em que a sociedade elege seus representantes para servir a comunidade, não o contrário.

Eu e o Vereador Suplicy como Vereadores, assim como os demais Vereadores presentes, estamos para servir, mas o Metrô também é um órgão que tem de servir à comunidade, tem de esclarecer os fatos para que a comunidade saiba o que está acontecendo. Isso não pode continuar assim.

O Vereador Suplicy vai fazer seu pronunciamento. Depois volto para as pessoas que fizeram as intervenções iniciais, caso queiram complementar. No fim, farei o encaminhamento, porque a audiência pública é para dar continuidade da discussão, mas tem

de ter encaminhamentos. Se a comunidade estiver de acordo, nós continuaremos na luta.

A palavra é sua, Vereador Eduardo Suplicy.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Quero cumprimentá-lo, Vereador Toninho Vespoli, pela iniciativa de poder ouvir os moradores da região onde foi realizada uma obra do Metrô sem a devida consideração, praticamente destruindo uma área que deve ser preservada ambientalmente. Conforme se expressou aqui inúmeras árvores foram cortadas. É preciso que os responsáveis pelo Metrô, ao fazer uma obra tão significativa – uma nova linha de metrô – tenho de considerar as características e qualidades ambientais da região, então, meus parabéns ao Vereador Toninho Vespoli que, sempre, tem estado atento às necessidades da população.

Desculpem-me, vou me retirar, pois tenho de ir ao plenário.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Vereador Suplicy, antes de V.Exa. ir ao plenário, vou fazer minha proposta na sua frente, pois, de repente, V.Exa. pode ir junto. O Metrô declinou de estar presente, mas fomos convidados para ir lá visitar a obra. Dali quero fazer uma proposta para o Metrô. Caso a Vossa agenda esteja livre posso consultar sua assessoria para que me acompanhe? (Pausa) Posso. Está bem. O Vereador Suplicy está, aqui, se comprometendo também a nos ajudar. Ele é um Vereador que está na luta, está sempre presentes nas atividades todas e vai, então, fazer essa visita lá na obra, junto comigo e os representantes do Metrô para que possamos dialogar todos.

Vou combinar, claro, com os demais Vereadores envolvidos, caso queiram e possam ir: Gilson, Arnaldo, Sandra, que estão presentes via chat, estão convidados. Temos de trabalhar em conjunto, em rede, para o bem da sociedade e da comunidade.

Devolvo a palavra às pessoas que fizeram suas exposições iniciais. Marta, quer se pronunciar? (Pausa) Microfone desligado.

A SRA. MARTA CAVALCANTI – Desculpe, pronto, ligado. Gostaria sim de me pronunciar, finalizando dizendo que fica bastante evidente, pela ausência do Metrô, o desrespeito aos moradores locais. Os moradores, na verdade, são reféns da ausência dos

órgãos regulatórios, até mesmo de alguns órgãos do Poder Público. A nossa voz nunca é ouvida. Há sempre uma anuência ao que o Metrô impõe, mas não ao que falamos, ou o que a gente gostaria de dizer.

Eles sempre alegam a frase: “Ah, vocês deveriam ter participado do projeto”. Como poderíamos participar de um projeto que não existia? No EIA-RIMA não há qualquer menção da intervenção no Parque Linear. Nos documentos que o Metrô apresentou à Secretaria do Verde, inclusive, não se menciona a intervenção que seria feita no Parque Linear.

Então, para nós, a obra aconteceria somente nos campos. Não iria derrubar nenhuma árvore da praça; não iria fazer nenhum tipo de intervenção dentro do Parque Linear. Portanto, como poderíamos opinar sobre algo que não existia? Algo que não constava dos projetos? Existe, então, uma incoerência nesse posicionamento do Metrô.

E, por fim, eu acabei não comentando isso, mas o Toninho mencionou agora e, realmente, é muito importante: o Parque Linear foi criado como uma maneira de evitar as enchentes da Bacia do Aricanduva. Os parques lineares servem para isso: como maneiras de se evitar enchentes na cidade de São Paulo.

A intervenção que será feita no córrego também, até este momento, não houve nenhum tipo de apresentação de plano para o que vai acontecer na época das chuvas. Os moradores estão muito preocupados!

Em fevereiro passado, uma das ruas já encheu. Os moradores tiveram de quebrar os muros do metrô para a água escoar. Aquela rua nunca tinha enchido antes.

O que vai acontecer na época das chuvas? Vamos ter de esperar a época das chuvas para receber essa resposta? Porque é isso que está acontecendo com o Metrô. Temos dúvidas, eles dizem: “Quando acontecer...”, aí perguntei: “Vocês vão trabalhar de madrugada, não gostaríamos, pois estão no coração de um bairro residencial”. E a resposta foi: “Quando começarmos a trabalhar vocês vêm conversar com a gente”. Não! Nós queremos mitigar os danos. Nós queremos nos antecipar aos problemas para que nossa convivência seja boa caso essa obra vá acontecer realmente aqui. É uma questão de prevenção e não de ‘apagar

incêndio’.

E como o Kléber mesmo disse, também existe a questão do risco às residências. O Metrô disse explicitamente numa reunião que as nossas casas correm riscos. Como podemos viver tranquilos em nossas casas sabendo que, a qualquer momento, pode haver um acidente? E um acidente em que a Justiça mostrou qual a relação dela com o Metrô, porque ninguém foi culpabilizado no acidente de Pinheiros.

Como é que a gente pode dormir, com nossas famílias, nós, moradores do entorno da obra, sabendo desse perigo?

Então são muitas questões cujas respostas não aparecem, não são respondidas porque o Metrô não conversa conosco. Ele não conversa conosco porque diz que os moradores judicializaram a questão, só que temos esse direito. Ele coloca como algo negativo dos moradores terem trazido o Ministério Público para dentro dessa questão. É nosso direito e o Metrô, além de respeitar isso, tem o dever de responder, sim. É uma obra pública. É uma obra atinge todos os moradores da região. Ele deve satisfação a nós.

O Parque Linear é da Secretaria do Verde e a Secretaria do Verde não pode se imiscuir de se posicionais dizendo que a responsabilidade é da Cetesb. Não, gente! A responsabilidade é do Poder Municipal. O Município tem de zelar por essa área, uma vez que os donos somos nós, moradores e cidadãos. Ele zela por essa área e tem de se posicionar.

Aliás, a Subprefeitura nunca recebeu os moradores para tratar dessa questão. A única reunião que tivemos com eles, vieram com essa resposta: “Ah, não sabemos de nada”. Como assim, não sabem de nada? Eles que cederam a área.

Por tudo isso é nítido que há um desrespeito, não só ao meio ambiente, mas, principalmente, aos moradores. E aí os moradores têm de fazer parte, só que não são ouvidos! Os moradores não são nem recebidos! Essa é a grande questão.

E isso tudo está provado aqui, pois, em setembro do ano passado, o Vereador Gilson Barreto teve a iniciativa de fazer a primeira audiência pública e o Metrô não compareceu. Hoje, o senhor, Vereador Toninho Vespoli, que sempre esteve conosco e veio

conhecer a área, sabe dos nossos problemas e também teve a iniciativa da reunião de hoje, dessa audiência pública, novamente, o Metrô não compareceu. Então os fatos falam por si. Nós estamos silenciados. Nós não temos respostas. E nada indica que teremos. Nós teremos ‘incêndios apagados’ conforme os problemas forem surgindo. Isso está evidente para nós. E isso amedronta os moradores, porque não temos segurança do que vai acontecer aqui, principalmente porque não temos respaldo sobre o que vai acontecer.

Agradeço mais uma vez a oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Alguém dos órgãos públicos quer falar? (Pausa)

O SR RAFAEL DIRVAN MARTINEZ MEIRA – Vereador, meu nome é Rafael, estou como Subprefeito da região de Aricanduva e eu queria me colocar à disposição assim que o decreto da pandemia para que conversemos, sim, com o grupo para ver o que podemos ajudar referente às atribuições da Subprefeitura. Tá bom?

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado Rafael. Talvez nessa visita, inclusive, eu possa informá-lo do agendamento e caso possa vir, ou mesmo algum assessor ou representante seu possa nos acompanhar, justamente para estar a par do diálogo que teremos com o Metrô. Está bem.

O SR RAFAEL DIRVAN MARTINEZ MEIRA – Legal. Vamos ficar de portas abertas para nos envolver nessa tratativa e o que for da responsabilidade da Regional nos colocamos à disposição. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Muito obrigado.

Achei que a fala da Marta foi muito boa; tem, realmente, bastante lastro. Inclusive, na Linha Prata, vários moradores tiveram suas casas rachadas e tudo o mais. E, somado aos problemas, infelizmente, as pessoas não têm conhecimento jurídico do que têm de fazer e acabam, muitas vezes, não conseguindo acionar seus direitos por causa disso também.

Eu aconselho os moradores para que registrem tudo em foto, papel, data, qualquer acontecimento estranho que aconteça em suas casas, o que for, para que fique bem

documentado. Claro que espero que não aconteça nada, mas, se acontecer, registrem para poderem acionar a Justiça caso precisem, caso o Metrô não dialogue nem se manifesta para as perdas individuais também. Falamos até agora sobre perdas coletivas, mas podem acontecer perdas individuais também. Então é importante o registro que possam fazer.

Então o encaminhamento é: não podemos deixar o Metrô sossegado no sentido de não assumir suas responsabilidades. Ele tem, sim, responsabilidade, principalmente ele, mas é claro que os outros órgãos também têm sua responsabilidade por terem dado o aval para isso, a própria Cetesb e outros, mas o Metrô é o grande responsável.

Acho que ficou bem claro aqui, nessa audiência pública, que a comunidade, a população, todos, enfim, são a favor do metrô, por ser um meio de locomoção necessário para nossa cidade, conseguir dar mais acesso a todos com o aumento dos quilômetros de linha férrea para esse tipo de transporte público, mas, claro, o Metrô tem de dialogar com a comunidade sobre qualquer obra que vai causar impacto em qualquer bairro.

Portanto, o Metrô é, sim, o responsável e, como já foi proposta do próprio Metrô à nossa assessoria de eu estar visitando a obra, irei, junto com o Vereador Suplicy que também se comprometeu com essa visita, então, iremos e lá faremos uma nova proposta de uma reunião para formação de um grupo de trabalho, envolvendo, claro, representantes dos moradores.

Assim que formos lá e organizarmos essa reunião do Grupo de Trabalho, considerando que não querem comparecer na audiência pública, esse GT pode acontecer lá no local, na própria obra, fazermos esse bate-papo com o Metrô e com os moradores. Vamos estar avisando os moradores do entorno para quem quiser participar.

Alguém mais gostaria de se pronunciar? (Pausa) Porque já estamos no horário do encerramento.

O SR. KLEBER SILVA JR. – Vereador, só mais uma complementação. É importante essa visita que foi sugerida ao local, mas eu gostaria de fazer outra sugestão, caso V.Exa. ou outros Vereadores pudessem visitar o VSE-Tietê da Linha 6 – Laranja. Fica próximo

à ponte da Freguesia do Ó, na marginal Tietê.

E por quê? Porque é um VSE que o Metrô vai instalar no Complexo Rapadura. O VSE Tietê é por onde os tatuzões vão entrar para escavar o túnel. É o mesmo processo que será feito no Completo Rapadura. Eles vão fazer uma vala gigantesca para poder introduzir o tatuzão.

Então até para V.Exa. ter noção da dimensão, do tamanho da obra que vai ser realizada ali na Praça Mauro, no Complexo Rapadura, se V.Exa., sua assessoria, ou mesmo outros Vereadores puderem comparecer lá, agradecemos. É o VSE Tietê, na marginal Tietê, logo após a ponte da Freguesia do Ó, sentido Castelo Branco. É bem fácil de chegar, é uma área gigantesca. Inclusive era uma área da Prefeitura que foi cedida ao Governo do Estado, ao Metrô, para instalação desse canteiro. Só que um detalhe totalmente diferente né? Lá não tinha nenhuma árvore, não tinha nenhuma residência. Era um prédio que a Subprefeitura usava, um espaço para guardar caminhões e máquinas, então a Prefeitura cedeu ao Metrô essa área. E é isso que eles vão fazer no Complexo Rapadura.

Porque, vejam, às vezes, a gente fala de 'tatuzão', 'vala de tantos metros', nós leigos não temos noção do que é isso realmente na prática. Mas se V.Exa. e seus colegas aí da Câmara puderem comparecer ao VSE Tietê vão ter uma noção da monstruosidade que essa obra vai fazer na região.

E, para finalizar, lamentar mais uma vez a ausência do Metrô numa nova demonstração de desrespeito aos Vereadores, às Vereadoras da cidade de São Paulo. Eu gosto de dizer que o Metrô não é dono da Cidade. É um benefício, sim, só que ele não tem carta branca para fazer o que bem entende. Muito obrigado novamente.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado Cleber. Muito importante sua sugestão, até para entender o tamanho da obra ali, nós aqui, com a assessoria, vamos visitá-la assim para entender o tamanho do estrago que vai acontecer na região.

Não havendo mais nada a tratar, declaro encerrada essa audiência pública. Obrigado e parabéns a todos.